



Autismo no contexto escolar nas séries iniciais do Ensino Fundamental I

Karoline Maria Ribeiro da Silva.(FASF) karolbianchioficial@outlook.com

Tamis Ohana Souza Lima. .(FASF) tamis1996ohana@gmail.com

Valdemar .(FASF) valdema.hnyda@redesagradafamilia.com.br

Resumo

Este trabalho apresenta o Transtorno do Espectro Autista dentro do contexto escolar, especificamente nas séries iniciais do Ensino Fundamental I, nas quais professores atuam com alunos autistas dentro da sala de aula. Nessas circunstâncias, a aprendizagem é um desafio, visto que solicita do docente um método de ensino adaptado para esses alunos; sendo assim, esses profissionais necessitam de formação para poderem atender a esse grupo da melhor maneira. O problema que orientou este artigo foi como os professores das series iniciais trabalham com os alunos autistas dentro da sala de aula? Como objetivo geral da pesquisa é analisar como a escola e os professores das series iniciais do Ensino Fundamental I, trabalham com os alunos autistas dentro da sala de aula. A metodologia utilizada para esse trabalho é a básica, gerando informações que ajudará ambas partes a se atualizar através de informações sem lucros. A propósito, a inclusão escolar deve ocorrer naturalmente, sem exclusão e de maneira que garanta o aprendizado para todos. Além disso, a afetividade é de extrema importância na relação professor-aluno, principalmente quando se trata de crianças com TEA, situação em que se torna ainda mais necessária e importante para o seu desenvolvimento diário. A pesquisa foi realizada com professoras e tutoras do Ensino Fundamental I de um Colégio privado na cidade de Ponta Grossa, PR. Os dados foram obtidos por meio de um questionário virtual, de caráter qualitativo, referente aos aspectos da realidade. Foi possível perceber que os docentes possuem um preparo superficial para mediar com alunos que possuem TEA, o que a torna uma atividade desafiadora com necessidade de adaptações. Enfim, constatou-se que os docentes buscam novos conhecimentos para poder desenvolver da melhor maneira seus alunos.

Palavras-Chave Autismo. Aprendizagem. Inclusão.

Autism in the school context in the initial series of Fundamental Education I

Abstract:

This work presents the Autistic Spectrum Disorder within the school context, in which it was established to analyze how the school and the teachers of the initial beings of Elementary School I, work with autistic students within the classroom. Where learning is a challenge when it comes to working with these children, as it asks the teacher to

obtain a work adapted for the same, with this the professionals need to be prepared to be able to serve these students in the best way. The problem that guided this article was how do early grade teachers work with autistic students within the classroom? The general objective of the research is to analyze how the school and the teachers of the initial grades of Elementary School I work with autistic students within the classroom. The methodology used for this work is basic, generating information that will help both parties to update themselves through non-profit information.

School inclusion must occur naturally, without exclusion and in a way that guarantees learning for all. Affection is extremely important in the teacher-student relationship, especially when it comes to children with ASD, where this affection is more necessary and important for their daily development. The research was carried out with teachers and tutors from Elementary School I, from a private school in the city of Ponta Grossa – PR. Data were obtained through survey questionnaires, making direct and qualitative questions, which are concerned with aspects of reality. It was possible to see that teachers have a superficial preparation to work with students who have ASD, being a challenging work in which activities need adaptations, where teachers seek new knowledge to be able to develop their students in the best way.

Keywords: Autism, Learning and Inclusion.

1 Introdução

O autismo é um transtorno do desenvolvimento neurobiológico, que causa atraso no desenvolvimento da criança, comprometendo a fala, a socialização, a imaginação, entre outros fatores. É visto também como um transtorno neurológico de vários graus, definido por um desenvolvimento alterado, que apresenta perturbação em interações sociais, comportamento repetitivo e pouca comunicação. Esse tipo de transtorno é diagnosticado por profissionais da área da saúde como neuropediatra e psicólogo. Do ponto de vista científico, ainda não se possui comprovação de um tratamento para reverter o quadro.

O Transtorno de Espectro Autista (TEA) possui causas desconhecidas, isso faz com que estudiosos observem e estudem a psicogenética e os traços biológicos para obter uma melhor compreensão. O desenvolvimento cognitivo, afetivo e biológico são fundamentais para a abordagem educativa com esses alunos. Segundo Bosa (2002), autistas são crianças com inadaptabilidade para estabelecerem relações “normais” com outras pessoas, com uma incapacitação de comunicação. Em geral, essas crianças apontam estereótipos gestuais, necessidade de um ambiente material e concreto e possuem aparência normal.

De acordo com Lorna Wing (1979, apud KLIN, AMI, 2006) as pessoas autistas possuem três grandes grupos de perturbações, as quais se manifestam em três diferentes áreas de domínio, vindo a prejudicá-las. São elas: a Área Social, a da Linguagem e Comunicação e a do Comportamento e Pensamento. Possuem, portanto, dificuldade para relacionamento social, pouco contato visual, falta de expressões corporais ou faciais, de comunicação verbal e repetitiva e uma imaginação precária com comportamento rígido e algumas vezes obsessivo.

Gauderer (1993 p. 189) “apresenta que 75% das pessoas com autismo possuem algum tipo de deficiência intelectual”. Nessa perspectiva, o autista possui uma visão diferente

de mundo, com características abrangentes; dessa forma, é necessário que os docentes compreendam suas necessidades. Lemos, Salomão e Agripino-Ramos (2014, p. 123) “ressaltam que a escola deve ser um espaço importante no desenvolvimento infantil, pela oportunidade de interação e convivência para o autista”.

Os profissionais das instituições de ensino necessitam estar preparados para trabalhar com esses alunos. Alguns, com um quadro mais elevado possuem ajuda de um Professor- Tutor que os auxilia com as atividades no âmbito escolar. O aluno com autismo não gosta de mudanças em sua rotina, o professor pode usar isso ao seu favor. Segundo Golberg (2002, p. 17), “muitos autistas ficam angustiados diante de qualquer mudança trivial no ambiente e insistem em seguir suas rotinas nos mais precisos detalhes”. Diante disso, o aluno cria uma rotina dentro da sala aula, organizando seu horário e seu pensamento, sem que ocorram mudanças repentinas em seu cotidiano. Nesse sentido, o problema que norteou este artigo foi como os professores das séries iniciais trabalham com os alunos autistas dentro de sala de aula?

Como objetivo geral, estabeleceu-se analisar como a escola e os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental I trabalham com os alunos autistas dentro da sala de aula. Como objetivos específicos, busca-se observar como serão realizadas as atividades e a inclusão no ambiente escolar, identificar as orientações que os professores recebem da instituição de ensino para trabalhar com esses alunos e compreender como é realizado o trabalho das tutoras com os alunos que possuem autismo.

Este trabalho justificou-se pela importância da pesquisa realizada nas escolas com os alunos que possuem autismo, observando o desempenho dos professores e tutoras dentro da sala de aula.

Trata-se de uma pesquisa descritiva e qualitativa, cujo embasamento teórico encontra apoio nos seguintes autores: Bosa 2000; Gauderer 1993; Lemos 2014; Ferreira, 2009:15 apud Onzi e Gomes; Silva; Declaração de Salamanca 2009; Klin 2006; Serra 2010; Cunha 2017; Lakatos e Marconi 2007; Vieira; Zouian, 2006; Bardin, 2011; Barbosa, 2013; Freire 2002; Zanella e Figueiredo 2015; Arrayo 2011.

A pesquisa foi realizada em uma escola de rede particular, no Ensino Fundamental I, onde foi direcionado um questionário à equipe gestora, às professoras e tutoras que possuem alunos autistas.

De acordo com Vieira e Zouain (2005), a pesquisa qualitativa concede importância em declarações de sujeitos sociais envolvidos, ela é detalhada pela descrição dos acontecimentos de fatos ocorridos. Creswel (2007, p. 31) “traz que o ambiente natural é o meio para a coleta de dados, sendo eles descritivos; dessa forma, é uma pesquisa emergente”.

A pesquisa constitui-se em analisar como a escola e os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental I trabalham com os alunos autistas dentro da sala de aula, quais os recursos oferecidos a esses alunos e qual o preparo das tutoras que os auxiliam no processo de aprendizagem.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista, conhecido também como TEA, é assunto que vem sendo muito estudado nos últimos anos, justamente com o intuito de compreender as suas causas e sintomas. Conforme a Sociedade de Autismo Americana (2015, apud FERNANDES, MARCIA 2018, p. 2), diante da população mundial, consta-se que 1% possui TEA. Segundo Mello, Andrade, Ho E Dias, 2003:45, apud FERNANDES, 2018, p. 2), no Brasil sendo 0,62% da população em 2010.

Conforme o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) (2014, p.20), transtorno é caracterizado por “perturbação clinicamente significativa na cognição, na regulação emocional ou no comportamento de um indivíduo que reflete uma disfunção nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento subjacentes ao funcionamento mental”.

O TEA encontra-se no grupo de transtornos do neurodesenvolvimento, e geralmente se manifesta de maneira rápida no desenvolvimento da criança. Dentre as características, apresenta falta de comunicação, comportamento repetitivo, pouca interação social, padrões restritivos, aceitação ou negação marcante de atividades.

Segundo Ferreira, (2009, p.15 apud GOMES, 2015, p.192) para ser realizado o diagnóstico de TEA, é preciso muito estudo, visto que cada caso tem suas diferenças, uns apresentam certas características, outros não. Podem ser mais atentos, outros mais sociáveis, “nem todos são iguais”.

Dessa forma, o diagnóstico do TEA é clínico e realizado com os pais por meio de observações realizadas com a criança em diferentes contextos. Exames ainda não foram elaborados para esse tipo de diagnóstico. Como afirmam as autoras Silva, Frighetto e Santos (2013, p.1):

A criança com autismo tem dificuldade em interagir com as outras pessoas, mudanças de rotina e de expressar suas necessidades. Onde não tem medo de perigos, apresentam pouco contato visual, sendo que não respondem a ordens verbais, sendo que ao invés de se expressar verbalmente, usam-se gestos ou sinais. O diagnóstico do autista se dá pela observação do comportamento da criança, pois nos dias atuais não existem testes específicos para sua comprovação. O autismo se compreende por uma síndrome complexa; com as buscas de alcançar resultados melhores no trabalho com autista, deve-se o tratamento ter uma equipe multidisciplinar, tendo em seu quadro profissionais de psiquiatria, fonoaudiologia, psicologia, neurologia, psicopedagogia e demais da área de saúde (SILVA; FRIGHETTO; SANTOS, 2013, p. 1).

Assim sendo, para a criança com o Transtorno de Espectro Autista, é de suma importância que se tenha um acompanhamento com diversos profissionais que irão ajudá-la a se desenvolver.

2.2 Inclusão escolar

Em 1990, a Declaração Mundial de Educação para Todos (UNESCO, 1990), a Convenção de Direitos da Criança (UNESCO, 1988) e a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) asseguraram que toda e qualquer pessoa com deficiência pode participar de atividades educacionais e de aprendizagem. Esses documentos apresentam os princípios, as políticas e as práticas a serem utilizadas na área das necessidades educativas especiais, como o direito à educação, as habilidades e as características de aprendizagem. Enfim, garantem o direito à escola para pessoas com necessidades

especiais, e que escolas de ensino regular pratiquem a inclusão, combatendo assim atitudes discriminatórias.

Essa inclusão deve ocorrer por meio do mediador, em atividades de sala de aula sendo adaptadas quando necessário para o aluno, utilizando-se diversos tipos de materiais, de preferência com objetos concretos ou algo que volte sua atenção para a atividade realizada, não deixando assim de participar das aulas e atividades. Nos momentos de práticas como a educação física, é importante que o aluno participe; mesmo com dificuldades neurológicas, o autista precisa fazer atividades físicas e brincar. Segundo Crochick (2011) não basta a escola pensar as contradições existentes fora dos muros escolares, deve também reconhecê-las dentro de si. Os professores são agentes fundamentais da educação, e não é indiferente saber o que pensam acerca da educação inclusiva.

Pessoas com algum tipo de deficiência, seja ela física ou intelectual, necessitam de atenção diferenciada para a realização de atividades escolares. Sendo assim, o Brasil criou regimentos para o acesso desses alunos a salas de recursos, com ferramentas que auxiliem o professor no trabalho com os mesmos. Vale ressaltar o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, e seu artigo 54: “é dever do Estado promover esse acesso, e no início III do mesmo artigo é previsto um atendimento educacional especializado nas redes regulares de ensino aos portadores de deficiência.”

Também a Lei Berenice Piana (12.764/12) criou a Política Nacional da Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Essa lei estabelece:

I - a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer;

II - a proteção contra qualquer forma de abuso e exploração;

III - o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo:

a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo;

b) o atendimento multiprofissional;

c) a nutrição adequada e a terapia nutricional;

d) os medicamentos;

e) informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento;

IV - o acesso:

a) à educação e ao ensino profissionalizante;

b) à moradia, inclusive à residência protegida;

c) ao mercado de trabalho;

d) à previdência social e à assistência social.

A lei (13.146/15) assegura, enfim, condições de igualdade e liberdade às pessoas com deficiência, tendo em vista a cidadania e a inclusão social. Com essas leis, não somente a família tem apoio, a escola também se assegura de que esse aluno vai ter toda ajuda necessária, visto que é direito do autista e da família receber esse suporte.

As práticas inclusivas mostram uma evolução em relação à educação de pessoas com necessidades especiais, incluindo as que possuem (TEA) Transtorno de Espectro

Autista. A inclusão escolar ocorre em sentido de atitudes e ações dos profissionais que atuam na escola, a inclusão faz com que o aluno possua o direito ao exercício da sua condição de cidadão. Segundo Salamanca:

Inclusão e participação são essenciais à dignidade humana e ao gozo e exercício dos direitos humanos. No campo da educação, tal se reflete no desenvolvimento de estratégias que procuram proporcionar uma equalização genuína de oportunidades. A experiência em muitos países demonstra que a integração de crianças e jovens com necessidades educacionais especiais é mais eficazmente alcançada em escolas inclusivas que servem a todas as crianças de uma comunidade (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 61).

Possibilitar a inclusão traz alterações em determinados atos e postura, promovendo rupturas, e fazendo com que todas as pessoas, crianças, jovens e adultos, possuam uma educação de qualidade, principalmente os que possuem necessidades diferenciadas.

A inclusão do aluno deve ser natural e com igualdade para todos, o ensino passa a ser adaptado ao aluno com autismo, passando a dar garantia ao seu processo de ensino e aprendizagem.

O autismo vai dificultar tarefas simples no cotidiano do aluno. No entanto, com acompanhamento e ajuda, no futuro, o mesmo terá uma vida normal, e isso é possível por meio de tratamento adequado.

2.3 Ensino-aprendizagem

Segundo Mantoan e Prieto (2006), o professor é referência para o aluno, trazendo para ele não apenas o conhecimento como também valores cidadãos. Dessa maneira, o trabalho do professor está relacionado com a inclusão educacional.

O ensino-aprendizagem da criança autista e o papel do professor são temas que receberam atenção e, conseqüentemente, grandes avanços em estudos e pesquisas. Os alunos que possuem Autismo requerem uma metodologia diferenciada, como organização da sala de aula, maneiras de escrever, ter um ambiente calmo e sem muitas mudanças (SANTOS et al., 2013).

A sociedade espera que os profissionais da educação compreendam que ensinar o autista tem o mesmo valor que ensinar uma criança sem necessidades especiais. É um desafio fazer com que ela aprenda o alfabeto, mas não quer dizer que a mesma não irá aprender, pois pode ser apresentado em um jogo, em um alfabeto com imagens, alfabeto móvel, com texturas, ou seja, existem diversas formas de aprendizagem.

Serra (2010) relata que os profissionais necessitam de uma boa capacitação para trabalhar com alunos autistas, visto que é necessário analisar cada detalhe e alterações. Para isso é importante que as escolas possuam profissionais aptos a trabalharem com autistas, que saibam lidar com as diferenças, utilizando diversas metodologias.

Os conteúdos deverão priorizar o desenvolvimento das capacidades expressivas e instrumentais do movimento, possibilitando a apropriação corporal pelas crianças de forma que possam agir com cada vez mais intencionalidade. Devem ser organizados num processo contínuo e integrado que envolve múltiplas experiências corporais, possíveis de serem realizadas pela criança sozinha ou em situações de interação. Os diferentes espaços e materiais, os diversos repertórios de cultura corporal expressos em brincadeiras, jogos, danças, atividades esportivas e outras práticas sociais são

algumas das condições necessárias para que esse processo ocorra (BRASIL, 1998, p. 29).

Trabalhar o lado cognitivo e o raciocínio da criança na aprendizagem é um avanço para os educadores. Atividades simplificadas e diversos materiais podem se transformar em algo lúdico e de aprendizagem.

Cunha (2017) afirma que os autistas possuem uma maneira diferenciada de aprender; assim, o importante é disciplinar a atividade e não deter esse aluno na sua forma de realizá-la. Os obstáculos devem ser compreendidos, levando em consideração que cada aluno possui sua maneira de ser e aprender.

As crianças com TEA necessitam de rotinas de trabalho dentro da sala de aula, sem muitas mudanças, sendo estimuladas por atividades atrativas e interessantes e com o suporte do professor ou tutor que as acompanha nos diferentes momentos de aprendizado.

A rotina é muito importante e deve fazer parte da vida da criança com TEA, seja na escola ou em casa. Dessa forma, essa criança consegue obter um melhor desenvolvimento e organização do seu pensamento. Nessa rotina podem ser incluídas diversas atividades, pois dessa forma a mesma se sentirá atraída. .

2.4 Afetividade no trabalho escolar com crianças com tea.

Segundo Wallon (1879-1962), a afetividade e a inteligência sofrem alterações no decorrer dos anos. As relações afetivas possibilitam que as crianças cresçam autoconfiantes.

É possível pensar a afetividade como um processo amplo que envolve a pessoa em sua totalidade. Na constituição da estrutura da afetividade, contribuem de forma significativa as diferentes modalidades de descarga de tónus, as relações interpessoais e a afirmação de si mesmo, possibilitadas pelas atividades de relação. (WALLON, 1975, p. 14)

Para Wallon, a afetividade tem grande importância no desenvolvimento da criança, tendo um papel fundamental no progresso da personalidade e domínios funcionais. Para ele, a afetividade é prioridade para as relações pessoais, deixando o trabalho escolar mais direcionado, facilitando a construção do conhecimento discente na aprendizagem.

A afetividade está muito ligada ao ato da comunicação, desenvolvendo diversas interações não apenas de forma verbal mas sim interações gradativas. No âmbito escolar, a afetividade marca a relação docente-discente (FARIA; MUÑOZ, 2011). Essa ligação interfere na aprendizagem e no desenvolvimento psicológico das crianças com TEA. O professor que se encontra em sala de aula com um aluno que possui espectro autista deve ter compreensão e afeto, pois dessa forma irá conseguir desenvolver uma boa relação de confiança. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, na sua quinta edição, afirma que:

As características essenciais do transtorno do espectro autista são prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B). Esses sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário (Critérios C e D). O estágio em que o prejuízo funcional fica evidente irá variar de

acordo com características do indivíduo e seu ambiente (DSM, 2014, p. 53).

Assim, o mediador deve mudar suas práticas de ensino quando possui um aluno autista em sua sala de aula, desenvolvendo seus conteúdos de uma forma que ajude a criança a compreender melhor o assunto abordado, procurando sempre se atualizar. Ao passar uma atividade em sala de aula, o professor deve ter um olhar sobre todos os alunos, porém as atividades devem ser adaptadas para o aluno com TEA, respeitando seus limites e dificuldades. Dessa forma, a afetividade está ligada ao profissional da educação, nos processos de aprendizagem, socialização e capacidades psicológicas. O diálogo entre aluno e professor deve ser amigável, é importante que o aluno se sinta seguro.

O aluno com TEA precisa de todo apoio e compreensão. Pois essa criança também tem o transtorno bipolar, vão ocorrer muitos sentimentos ao longo do dia na escola. Saber acolher a criança quando ela estiver sentindo ansiedade é um dos pontos mais importantes que a escola pode oferecer, fazendo esse aluno se sentir bem no ambiente em que se encontra.

3 METODOLOGIA

Essa pesquisa, quanto a sua natureza, é básica, visto que vai gerar novos conhecimentos que, de certa forma, podem auxiliar num entendimento científico. Segundo Lakatos e Marconi (2007, p. 157), em referência a Ander-Egg (1978, p. 28), a pesquisa é um “procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento.”

Quanto aos objetivos, essa pesquisa é descritiva, já que registra fatos observados, sem interferir neles. Segundo Triviños (1987), a pesquisa descritiva descreve os fatos e fenômenos de determinada realidade, conforme o objeto de estudo.

Além disso, possui caráter qualitativo, pois se preocupa com os aspectos da realidade que podem não ser representados numericamente, focando nas ocorrências sociais. Segundo (VIERA; ZOUAIN, 2006; BARDIN, 2011), a pesquisa qualitativa é definida como a que se fundamenta principalmente em análises qualitativas, caracterizando-se, em princípio, pela não utilização de instrumental estatístico na análise dos dados.

É também de levantamento, fazendo interrogações diretas às pessoas. A pesquisa será realizada em uma escola da rede particular de ensino, no Ensino Fundamental I, juntamente com a equipe gestora, professores e três tutoras, onde será direcionado um questionário aos mesmos. O Colégio atende crianças e adolescentes de classe média e alta, comporta crianças com deficiências físicas e intelectuais, das quais os mesmos possuem tutoras para auxiliar no desenvolvimento de atividades dentro do ambiente escolar. O colégio também disponibiliza atendimentos com a psicopedagoga. Segundo Gil (1999, p. 128)

O questionário pode ser definido como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.

Nesse sentido, ao realizar o questionário na escola, foi possível obter um resultado em relação à pesquisa realizada.

4 ANÁLISE DE DADOS

Para a realização da análise de dados, foi encaminhado aos profissionais docentes – pelo Google Forms – um questionário com seis questões: três perguntas fechadas e três perguntas abertas. Foram obtidas quatro respostas. Com efeito, esse levantamento de dados teve o objetivo de compreender se os educadores conhecem o Transtorno Espectro Autista e se já possuíram algum tipo de experiência com crianças que portam esse transtorno neurológico.

Conforme as perguntas feitas, as respostas foram tabeladas em um gráfico, evidenciando os percentuais. A primeira questão foi direcionada aos quatro professores: P1, P2, P3, P4. Na transcrição dos resultados, respeitou-se a grafia original de cada professor pesquisado para não produzir nenhuma alteração nas respostas dos mesmos.

Ao questionar os professores sobre o que é o TEA (Transtorno Espectro Autista) ou Autismo, 25% responderam que é um distúrbio que impede a criança de se desenvolver cognitivamente, e os outros 75% afirmaram que é um distúrbio que afeta a comunicação, o aprendizado e a adaptação da criança.

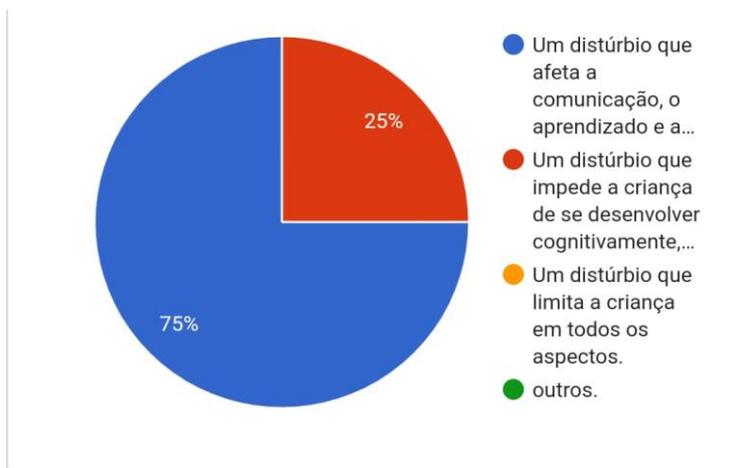


Figura 1: Concepção de TEA

Fonte: Dados de pesquisa (2021)

Segundo os autores Silva, Mulick (2009), crianças com autismo frequentemente apresentam problemas de comportamento, muitas vezes bastante severos, que incluem hiperatividade, dificuldade de prestar e/ou manter atenção, atenção hiperseletiva.

Claramente os professores questionados sabem o que é o autismo, pois o mesmo está presente em pesquisas, palestras de inclusão e muitas vezes no dia-a-dia da escola onde atuam. Não apresentam respostas corretas, apenas pontos de vista diversos sobre o assunto abordado. No entanto, houve diferentes formas de respostas no tocante ao autismo.

A segunda pergunta questiona sobre a capacitação pedagógica adquirida para trabalhar com crianças autistas. As respostas assim se apresentaram: 25% dos professores buscaram um meio de conhecimento específico voltado para o autismo, como pós-graduação e mestrado. Outros 75% trabalham com a autodidática, buscando – em livros,

vídeos e trocas de experiências com outros professores que possuem capacitação na área – um aprendizado sobre o assunto.

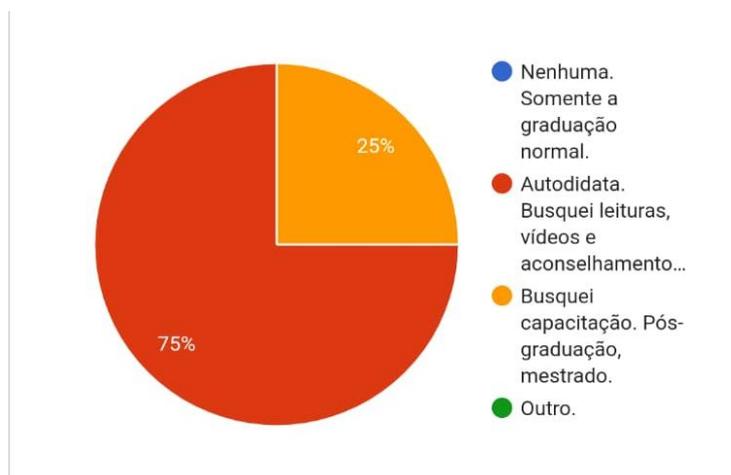


Figura 2: Qualificação pedagógica para trabalhar com crianças autistas.
Fonte: Dados de pesquisa (2021)

Chega-se ao resultado de que 75% dos professores buscaram a autodidática, no que diz respeito a leituras e conhecimentos por experiências de terceiro. Evidencia-se a busca constante de informações com os colegas do trabalho.

Segundo Barbosa, Zacarias, Medeiros, Nogueira 2013), com a aquisição de novos valores e princípios, a sociedade se mostra cada vez mais presente em discussões sobre a importância da educação inclusiva, em decorrência disso, uma série de políticas públicas têm sido desenvolvidas para promover a inclusão de crianças com deficiência em escolas de ensino regular.

Enfim, a última questão traz o seguinte questionamento: diante deste campo de trabalho como profissional da educação, qual é a sua percepção no tocante ao trabalho com crianças autistas? A resposta evidenciou que 50% já trabalharam ou trabalham com crianças autistas. E os outros 50% dizem ser uma realidade desafiadora, porém sentem-se atraídos para trabalhar com crianças que possuem TEA.

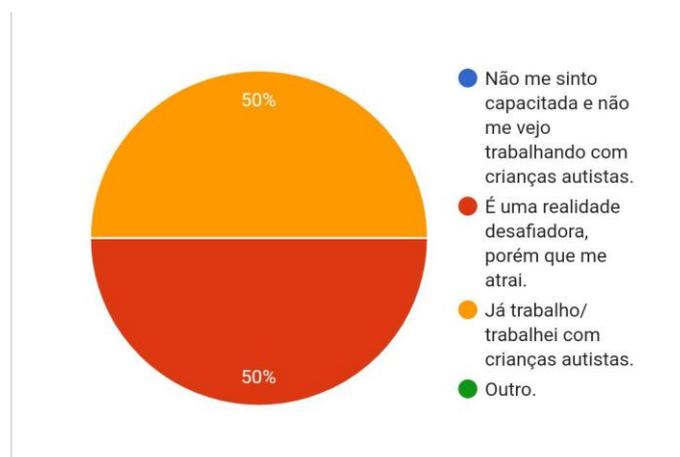


Figura 3: Percepção do trabalho com crianças autistas.
Fonte: Dados de pesquisa (2021)

Evidentemente as respostas são inspirações no sentido de que, mesmo sendo desafiador, existe uma atração para trabalhar com o autismo e ter experiência em sala de aula. Segundo Freire (2002, p.53).

Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos-conteúdos-acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos.

Para o professor se sentir realizado, ele deve passar por todas as experiências possíveis, se houver oportunidade, mesmo sendo um desafio. Na verdade, a experiência em prática vivencial gera mais conhecimento que a teoria isolada.

Diante da primeira questão fechada e descritiva os professores P1, P2, P3 e P4 apresentaram respostas descritivas e com embasamento em suas experiências em sala de aula, justamente com foco no autismo. Você já desenvolveu o seu trabalho como professor com crianças com autismo? Sim? Quantas? E quanto tempo?

Respostas:

P1- “Sim, já desenvolvi com 2 crianças a cerca de 3 anos até os dias de hoje.”

P2- “Sim. Mais de três alunos”.

P3- “Como professora não”.

P4- “Sim. Durante o período que ainda era estagiário e mesmo depois de formado foram 6 crianças autistas.

Assim sendo, os professores pesquisados tem ou teve experiência de trabalhar com os autistas desde cedo, buscando experiência como tutor e no futuro como professor regente da sala.

Como Paulo Freire (2002, p.43) “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. É realizador saber o máximo possível, é muito gratificante entrar em uma sala de aula e se sentir preparado para conduzir a situação.

Com a segunda questão, o intuito foi questionar sobre algum suporte ou influência na maneira como ensina o aluno com laudo de Transtorno Espectro Autista dentro da sala de aula.

Respostas:

P1- É muito pouco o suporte principalmente por parte de coordenação. O trabalho voltado para o que o professor/tutor pretende fazer. O método que ele quer usar. É difícil falar que tenho um suporte para esse fim.

P2- sim.

P3- Sim, muito apoio da coordenação da escola, e também com os médicos da criança.

P4- Não exerço função em sala de aula.

Todos os professores se sentem acolhidos em relação aos seus alunos com o autismo. A propósito, trabalhar sozinho com alunos com TEA pode se tornar impossível sem ajuda da família e da coordenação. Afirmam Zanella e Figueiredo (2015, p. 193):

Cabe aos pais compreender, portanto, as reais necessidades do seu filho e aceitar principalmente suas diferenças, para que possam deixar de lado o medo de serem inadequados, buscando auxílio e informação a respeito da sua condição.

Não somente a escola deve dar o suporte ao professor, também a família precisa estar presente com os professores. Trabalhando juntos, o aluno terá melhor resultado em sua educação.

E a última questão refere-se às novas ideias em sala de aula: “para alfabetizar o aluno, você como professor(a) de um aluno autista, faz alguma alteração em seu planejamento ou tem um planejamento específico para o aluno com TEA?”

Respostas:

P1- Todo o planejamento é adaptado para a criança autista, não fugindo do conteúdo que todos ir ao aprender.

P2- Sim.

P3- Se faz necessário adaptar o planejamento.

P4- Sim! é de extrema importante contende e compreender a necessidade do aluno. Um material atrativo chamará mais a atenção do aluno do que um xerox preto e Branco. Atividades específicas para os alunos é essencial. Cada aluno é único principalmente sendo especial.

Nessas condições, é muito importante essa alteração no planejamento, visto que, para alfabetizar esse aluno, algumas alterações serão necessárias para atender a todos, com os desafios que encontrar em sala de aula. O próprio Arrayo fala que a “chegada de outras crianças e adolescentes às salas de aula obriga os professores que têm sensibilidade de vê-los, a criarem novas autoimagens de sua condição docente.” (2011, p. 223)

Na aplicação do questionário, houve a percepção de que os professores participantes se expressaram com sinceridade. Ademais, a partir das respostas, foi possível concluir que os professores da instituição pesquisada conhecem o transtorno do Espectro Autista e reconhecem a importância de se trabalhar com dedicação e cautela, já que se trata de um transtorno neurológico presente no contexto escolar. Com isso, a compreensão para com a criança com TEA, traz novos rumos para o ambiente escolar, em relação ao trabalho realizado com os mesmos. Assim, diante dessas considerações, o levantamento de dados confere suma importância para a pesquisa realizada, mesmo com a participação de poucos docentes. Para compreender melhor as afirmações acima, foram utilizadas palavras de grandes autores, reforçando as respostas analisadas.

5 Considerações finais

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado como um distúrbio do neurodesenvolvimento, do qual a criança possui dificuldades no relacionamento interpessoal, frieza emocional, riso inapropriado, pouca comunicação verbal e contato visual. Com isso, a inclusão no ambiente escolar faz-se necessária, para isso é de suma importância que os profissionais estejam preparados para trabalhar com esses alunos,

desenvolvendo suas habilidades, utilizando materiais concretos e realizando adaptações necessárias para que o aprendizado ocorra.

Este trabalho teve como objetivo investigar como os professores das séries iniciais trabalham com os alunos autistas dentro de sala de aula no Ensino Fundamental I. Destacou-se que grande parte dos docentes questionados não possuem um preparo adequado para trabalhar com esses alunos. Na verdade, sentem que é uma realidade desafiadora, na qual buscam novos conhecimentos para trazerem à sala de aula, de maneira que possam desenvolver com esses alunos suas habilidades cognitivas, autonomia, comunicação não-verbal, flexibilização das tendências repetitivas, entre outras.

Nesse sentido, sendo o autismo conhecido pelos profissionais como um distúrbio que afeta a comunicação e a aprendizagem, facilmente se presume o quanto é importante estar sempre se aperfeiçoando. Vale ressaltar que o trabalho com crianças autistas nas escolas vem sendo muito requisitado, tanto em escolas públicas quanto privadas.

Observa-se que o conhecimento recebido na academia pelos profissionais da educação para se trabalhar com alunos autistas é muito superficial. Assim sendo, o processo de inclusão torna-se um pouco mais difícil, fato que leva os docentes a buscarem novos conhecimentos por meio de vídeos, palestras e outras fontes.

Convém lembrar que a graduação de pedagogia contém disciplinas com enfoque na inclusão de alunos com deficiências, mas nada voltado especificamente para o autismo, apenas se comprova uma abordagem superficial. Nessas circunstâncias, a educação escolar, no âmbito da inclusão para TEA, fica comprometida. Entretanto, é importante considerar que todo conhecimento é válido, sendo ele adquirido por pesquisas em livros, internet, artigos; cabe ao mediador encontrar uma forma que lhe agrade.

Sendo assim, pode-se chegar à conclusão de que os profissionais da educação necessitam de um aprimoramento para desenvolverem um trabalho adequado com crianças autistas dentro do ambiente escolar, promovendo a esse aluno uma aprendizagem significativa, respeitando suas limitações.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARROYO, Miguel. **Currículo: território em disputa**. Petrópolis. Vozes, 2011

APARECIDA, Catia. **O Direito ao Acesso à Educação**. Jus, 2019. Disponível em: <encurtador.com.br/dqtvV > . Acesso em: 09 de jun.2021

BARBOSA, Amanda; ZACARIAS, Jaqueline; MEDEIROS, Kesia; NOGUEIRA, Ruth. O papel do professor frente à inclusão de crianças com autismo. Educere, Curitiba, 23 de set. 2013. p. 05.

BOSA, Cleonice; CALLIAS, Maria. **Autismo: breve revisão de diferentes abordagens**. Psicol. Reflex. Crit. V. 13 n. 1 Porto Alegre, 2000. Disponível em: <encurtador.com.br/ghGQR > Acesso em: 03, jun, 2021.

CRESWELL, John. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2ªed. Porto Alegre: Artmd, 2007.

CROACHICK, José Leon; et al. **Análise de atitudes de professores do ensino fundamental no que se refere à educação inclusiva**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 3, p 565-582, set. dez. 2011.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 7. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2017.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. 1994, p. 61. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> >. Acesso em: 09 jun. 2021.

Estatuto da Criança e do Adolescente: **Inciso III do Artigo 54 da Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990**. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10611238/inciso-iii-do-artigo-54-da-lei-n-8069-de-13-de-julho-de-1990>>. Acesso em: 09 jun.2021.

FARIA, Sinara Silva Saba. MUÑOZ, Manuel Alfonso Díaz. **A Influência Da Afetividade Nas Relações Professor e Aluno: Na Educação Infantil de 3 a 6 anos**. 2011.

FERNANDES, Marcia. **Diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista – TEA Definição de critérios e considerações sobre a prática**. Revista Especialize On-line IPOG. Edição nº 15 Vol. Goiânia, 01 jul, 2018.

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25. ed. Rio de Janeiro-RJ, Paz e Terra, 2002.

GAUDERER, E. **Autismo**. 3ª ed. São Paulo: Atheneu, 1993. p, 183.

GIL, Antônio. Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDBERG, Karla. **A percepção do professor acerca do seu trabalho com as crianças portadoras de autismos e síndrome de down: um estudo compartilhado**. Porto Alegre, 2002. Instituto de psicologia, p. 17.

ISSN 2179-5568 – **Revista Especialize On-line IPOG** - Goiânia - Ano 9, Edição nº 15 Vol. 01, 2018

KLIN, Ami. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral**. SciELO-Scientific Electronic Library Online, 2006, mai. Disponível em: < encurtador.com.br/tAIO8>. Acesso em: 05 jun. 2021.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LEMOS, Emellyne, L, D; SALOMAO, Nádia, M, R; AGRIPINORAMOS, Cibele, S. **Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. Revista brasil educação e Marília**, v. 20, n. 1, p. 123, Mar. 2014. Disponível em:<encurtador.com.br/amotH>. Acesso em: 05 jul, 2021.

Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 09 de jun, 2021.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos.** [S.l: s.n.], 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - UNESCO. Convenção de Direito da Criança. 1988. Disponível em: Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001393/139394por.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - UNESCO. Declaração de Salamanca sobre princípios, política e prática na área das necessidades educativas especiais. 1994. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001393/139394por.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - UNESCO Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem Jomtiem. 1990. Disponível em: <Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2021

SANTOS, A. dos et al. **Metodologias de Ensino para crianças autistas: superando limitações em busca da inclusão.** Bahia: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2013.

SERRA, D. **Sobre a inclusão de alunos com autismo na escola regular. Quando o campo é quem escolhe a teoria.** Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 12-27, abr. 2010.

SILVA, M; MULICK, J. **Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas.** Psicologia: Ciência e Profissão, Psicol. cienc. prof. v. 29, n. 3. Brasília 2009.

SILVA, Lucinéia Cristina da; FRIGHETTO, Alexandra Magalhães; SANTOS, Juliano Ciebre dos. **O autismo e o lúdico. Revista Nativa – Revista de ciências sociais do norte do Mato Grosso.** V.1. n. 2, 2013. Disponível em: < encurtador.com.br/hioD8 >. Acesso em: 30 jul. 2021

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, M.; ZOUAIN, D. **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ZANELLA, F.; FIGUEREIDO, G. **Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e reabilitação.** Caderno pedagógico, Lajeado, v. 12, n. 3, p. 188-199, 2015.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da Infância.** Lisboa: Editorial Estampa, 1975.